

Cosmologia e ação política: uma análise sobre os *encantados* entre os Tremembé de Almofala

Juliana Monteiro Gondim¹

Resumo:

Dedicarei este artigo aos *encantados* - seres sobrenaturais que permeiam o universo cosmológico dos Tremembé de Almofala - grupo indígena que vive no litoral oeste do Ceará. Tais seres são descritos de diversas formas, desde fadas, príncipes ou princesas que se encantaram mesmo sem ter atravessado a experiência da morte, a ancestrais que morreram, mas continuam por perto a proteger seus parentes, ou mesmo seres que podem se metamorfosear em animais. Algo em comum nas narrativas é que eles têm o dom de se materializar na forma que escolherem e que moram em paisagens de Almofala que nós classificamos como "naturais", tais como águas, dunas, mangues e matas da região. Há mais de vinte anos, os Tremembé lutam pela demarcação de seu território. Este processo, entretanto, continua atravancado, sobretudo pela ação de uma grande empresa de beneficiamento de coco - a Ducoco S/A - que se instalou na região no final dos anos 70 e ocupa atualmente mais de um terço da Área Indígena, terreno que reivindica judicialmente, travando uma severa disputa com os índios. Os trabalhos escritos sobre os Tremembé ressaltam tal disputa, que se arrasta sem solução até o momento, todavia, agentes importantes nesse cenário têm sido deixados de lado: os *encantados*. Nos últimos anos, as *moradas dos encantados* têm atravessado um progressivo processo de degradação decorridos de diversos fatores, como criatório de camarão em cativeiro, construção de parques de energia eólica e o avanço do agronegócio, sobretudo relacionado às plantações de coco. Obviamente, não só os "humanos" têm sofrido com esta degradação, os *encantados* também veem suas moradas sendo destruídas e sofrem as consequências disso. Nos depoimentos que venho colhendo em campo, os Tremembé manifestam sua preocupação com tal fato e questionam estas consequências para os *encantados*. Uns dizem que estes seres se mudam para lugares ainda não atingidos por desastres ambientais, outros que eles vão para outras dimensões, deixando-os - os índios e os lugares que ocupam - desprotegidos ou, ainda, que eles permanecem nas áreas, lutando, assim como os índios, para afastar os invasores. Nos eventos políticos do grupo, as lideranças sempre ressaltam a contribuição dos *encantados* na luta política pela efetivação da posse das terras que tradicionalmente ocupam, pois, já que eles também são atingidos pela devastação imposta àquelas áreas, eles configuram, assim, parte interessada nessas disputas. Ou seja, para compreender a ação política dos Tremembé frente a todos os problemas que enfrentam atualmente, é preciso compreender a agência dos *encantados* nesse processo, já que eles são aliados nessa luta. Compreendo-os, então, como seres plenos de intencionalidade, trazendo-os, para o centro dessas disputas. Assim, este trabalho trará contribuições para o debate em curso na Antropologia contemporânea sobre a relação entre humanos e não humanos.

Os Tremembé de Almofala são um grupo indígena composto por cerca de três mil pessoas distribuídas numa pequena área de 4.900ha situados no litoral oeste do estado do Ceará, nordeste brasileiro. A área foi reconhecida e delimitada ainda no início dos anos 90, em 1991, mas, desde então, deu-se início uma severa disputa jurídica na qual os índios vêm levando desvantagem, pois, nesse período, embora já tenham sido elaboradas duas perícias antropológicas para o processo (a terceira está em curso), a Ducoco - empresa de beneficiamento de coco que se instalou na região no final dos anos 70 - conseguiu contestar em juízo as duas perícias e continua com a posse de mais um terço da área tradicionalmente ocupada pelos índios.

Nos últimos anos, os Tremembé passaram a enfrentar vários outros elementos que entraram na disputa pelas áreas que ocupam - os criatórios de camarão em cativeiro, a pesca predatória da lagosta e, mais recentemente, os parques de energia eólica são alguns fatores que têm intensificado as disputas territoriais locais. Alguns dos trabalhos elaborados sobre o grupo nos últimos anos abordam tal situação, polarizando a luta entre índios e não índios, ou seja, entre humanos. Minha proposta, na pesquisa que ora desenvolvo com o grupo, é destacar a agência, nesta disputa de seres não humanos, *encantados*, que também ocupam - moram, cuidam e protegem - diversas das áreas que atualmente são alvo de degradações, desmatamentos e outros agravos que geram graves consequências tanto para índios como para estes seres.

¹ Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo.

O que pretendo aqui é, portanto, compreender como os Tremembé e os *encantados* relacionam-se na organização cotidiana dos espaços ocupados por ambos. No intuito de tornar compreensível essa relação, iniciarei este texto falando sobre a minha experiência em campo e sobre como o mundo dos *encantados* foi se apresentado a mim.

Esclarecendo, antes de tudo que, como todo esforço etnográfico, esta é uma tarefa árdua, um trabalho, muitas vezes, confuso, onde o exercício antropológico coloca-nos diante do desafio de "traduzir" os diferentes universos de ação e significação com os quais nos deparamos em campo lançando mão, entretanto, das referências da nossa própria cultura. Para Wagner (2012), não podemos simplesmente "aprender" uma outra cultura como algo objetivo, devemos, isto sim, "assumir" as diferentes culturas como ferramentas de transformação do nosso próprio universo. Ou seja, ao "inventar" a cultura do outro, estamos, também, inventando nossa própria cultura e nos reinventando. A etnografia não é um mero esforço descritivo da situação de campo ou, em outras palavras, uma forma de descrever aquilo que aprendemos sobre o outro de modo objetivo, mas é o produto de uma *relação* entre pesquisador e pesquisado. A ideia de que precisamos, para um bom empreendimento etnográfico, "virar nativos" é improdutivo para o nosso ofício, pois nos obrigaria a abrir mão dos nossos próprios padrões culturais. O que etnografamos é, muito mais, uma "invenção" daquilo que apreendemos da cultura do outro a partir do choque com as nossas próprias percepções sobre o mundo. Assim, um bom trabalho etnográfico deve começar por reconhecer que o que chamamos de "cultura" é fruto da relação cotidiana entre antropólogo e nativo, daquilo que um consegue compreender do outro. Todavia, precisamos considerar que o que percebemos como "cultura" no outro nem sempre é a mesma coisa que ele procura em nós, em outras palavras, o que a sociedade ocidental compreende como cultura - como algo oposto ao que é dado (a natureza) - pode não ser o que os nativos compreendem. Destarte, para compreendermos os modelos de significação nativos precisamos superar essa dualidade.

As narrativas sobre os *encantados* estão prenhes de histórias sobre animais e pessoas que, repentinamente, tornam-se invisíveis, transmutam-se de uma coisa em outra. Assim, a natureza dos corpos, para eles, não é algo dado e imutável. Os corpos de humanos e animais e os objetos, de uma forma geral, podem se transformar. Por isso, só será possível compreender a forma como os Tremembé pensam o que chamam de *sistema de encante*, se partirmos de uma perspectiva na qual o trabalho antropológico não consiste em compreender a "cultura" do outro a partir de algo dado, a "natureza", mas de compreender quais os modos de significação desses nativos. Ou seja, o que quero compreender aqui é *se* os Tremembé fazem essa distinção entre natureza, sobrenatureza e cultura e, se a fazem, o que significa tais instâncias para eles.

Pesquisa de campo: a descoberta de um mundo encantado

O tema dos *encantados* é muito frequente nas conversas dos Tremembé, por isso, ele é mencionado por praticamente todos os pesquisadores que já passaram por Almofala. Isto porque eles permeiam todos os âmbitos da vida social do grupo, sobre os mais diferentes assuntos, quase sempre, em algum momento, contar-se-ão histórias de *encantados* a respeito.

No meu caso, a primeira vez que estive em campo, fui levada por um professor da Universidade Estadual da Bahia, Marcos Messeder, que, no momento, era doutorando na Universidade de Lyon, onde desenvolvia uma pesquisa, posteriormente consolidada na tese *Les Rituels et Drames d'Alcoolisation chez les Tremembé*. O cerne da pesquisa era o consumo do álcool entre os Tremembé e minha contribuição seria acompanhar tal consumo entre as mulheres. A presença de uma pesquisadora seria importante porque as mulheres bebiam muito reservadamente e, procuravam fazê-lo entre si, se possível, sem a presença de homens por perto. Isto porque, segundo elas, não queriam ser alvo de fofocas que se lançam sobre as mulheres que consomem o álcool ou quaisquer outras "drogas". A possibilidade de estar acompanhando o exercício transgressor do beber entre as mulheres conferiu entre nós certa cumplicidade que facilitou bastante minha relação com o grupo. Havia muitos momentos de festa e descontração, mas também momentos angustiantes, quando trocávamos confissões reveladas pela embriaguez. Ao falar sobre suas dificuldades cotidianas, as mulheres frequentemente mencionavam o fato de recorrerem ao *trabalho* de pajés para a cura das aflições cotidianas, fossem elas relacionadas a problemas de saúde, conjugais ou financeiros. Muitas delas também diziam recorrer a tais práticas quando eram surpreendidas por fenômenos que consistiam em ver ou ouvir seres *encantados*. Isso ocorria pelo fato de que os *encantados* precisam se incorporar em alguém para, através deste, praticarem a cura aos que deles necessitam, por isso, escolhem algumas pessoas do grupo e, de tempos em tempos, se manifestam a tais pessoas para fazê-las desenvolver o dom de incorporá-los e dá-los a possibilidade de exercerem a cura. Nesses momentos, tais pessoas precisam da ajuda dos pajés para acalmar os *encantados* e conseguirem livrar-se dos tormentos.

Os tormentos só cessam, todavia, se tais "escolhidos" aceitarem *desenvolver o dom* e começarem a *trabalhar* com os *encantados*. Caso a dádiva não seja aceita, eles sempre voltam a procurá-las e chegam até mesmo a castigá-los, fazendo-lhes adoecer ou provocando conflitos familiares, geralmente, associados à alcoolização. Os primeiros rituais que presenciei em campo, inclusive, tratavam-se da cura de um rapaz que, nos últimos meses, havia deixado todos os seus afazeres de lado e bebia quase todos os dias. Sua mãe, Dona Elita - pajé da qual ainda falarei nesse texto - procurava afastar-lhe a entidade que o assolava. Depois do ritual, ela me disse que, o caso estava a acontecer porque seu filho não queria *trabalhar* como a mãe, então ficava vulnerável a qualquer entidade que se apoderasse do seu corpo, já que ele era *médium* e não desenvolvia seu dom. Já as pajés, aprenderam a lidar com essas situações e não recebem mais qualquer entidade, apenas os *encantados* que se dispõem a ajudar a elas e aos que as procuram.

Ainda assim, muitas pessoas "escolhidas" pelos *encantados* optam por não *se desenvolver*, pois temem que, no momento da incorporação, seus espíritos não consigam retornar e elas acabem morrendo.

Na busca de conhecer tais *trabalhos* procuramos - eu e o professor Messeder - logo nos primeiros dias de campo, uma pajé muito reverenciada pelos membros do grupo, Dona Maria Bela, moradora da região da Praia de Almofala. Na época, portávamos o velho gravador de fita cassete,

com capacidade de uma hora de gravação cada, e, com pesar, podemos gravar somente duas horas da nossa longa conversa. Nela, Dona Maria Bela descortinava aos nossos olhos um universo de seres encantados que se apresentavam a ela desde os nove anos de idade. Abaixo transcrevo um trecho da nossa conversa no qual ela conta sua primeira visão:

Quando foi um dia, eu fui tomar banho, lá na dita levada, quando se surgiu uma cobra grande e grossa que me laçou, mas ela não me apertou e também não me mordeu, ela botou a língua pra fora e olhou pra mim e eu olhei pra ela, a língua não era rachada - que língua de cobra é rachada, é feito forquilha - a dela não era rachada, os olho azul como uma pedra de anil! Ela lambeu a coroa da minha cabeça e lambeu num braço e noutra e lambeu nas minhas costa e lambeu aqui na minha... aqui entre os peito [fazendo um sinal de cruz] e aí se saiu e entrou num buraquinho que tinha assim, que eu tinha feito assim com uma quenga (brincadeira de menino) e eu chamei os homem e eles vieram e cavaram e não encontraram a cobra. Aí eu saí no rumo de casa chorando. Aí foram atrás do pajé véi, que era o tio João Cosme, aí ele veio e disse que eu tinha uma vidência, que eu era médium. Então aquele negócio tinha vindo pra me dar força e fazer todos os trabalhos pra mim. Aí ele foi e me benzeu, me ajeitou, disse que era com 14 ano [que os encantados voltariam].

Algum tempo depois desse encontro, resolvi escrever a monografia da graduação sobre Dona Maria Bela e suas práticas curativas². Posteriormente, no mestrado, pude aprofundar tal pesquisa, abrangendo meu estudo para outras pajés que havia conhecido em Almofala.³ O fato de eu ter escolhido trabalhar apenas com as mulheres pajés - embora também haja pajés homens na região - teve múltiplas razões. Um fator importante foi que, o ano de 2009, quando realizei a pesquisa de mestrado, foi um ano de chuvas intensas no Ceará, então o acesso a muitas das localidades era restrito, assim, fui obrigada a limitar a pesquisa apenas às localidades da Praia de Almofala, Varjota e Tapera. Nessas áreas havia somente pajés mulheres⁴ e foi com elas que resolvi trabalhar. Entretanto, na medida em que a pesquisa se desenvolvia, percebi que havia algo mais complexo a ser tratado no caso das pajés tremembés, conforme evidenciarei a seguir.

Os *encantados* na perspectiva das pajés - práticas curativas

Nessa etapa da pesquisa, trabalhei com quatro pajés, Dona Elita, Dona Maria Bela, Dona Lucrécia e Dona Francisca. A primeira mora na Varjota, a segunda na Praia e as duas últimas na Tapera. Excetuando Dona Maria Bela, que começou a *desenvolver seu dom* ainda criança, todas as outras relatavam que, embora desde crianças apresentassem sinais de vidência, somente depois do casamento suas correntes *arriaram de vez*, obrigando-lhes a procurar um pajé e dar início aos trabalhos de cura. Elas contam, conforme detalho na dissertação, que - não se sabe exatamente por qual motivo - "Deus" confere a algumas pessoas o dom de se comunicarem com os *encantados*. A elas cabe procurar alguém mais experiente que lhes possa ajudar *desenvolver este dom* e, assim,

² GONDIM, Juliana M. *Dona Maria Bela: suas curas e seus encantos*. Monografia de graduação em Ciências Sociais, UFC, 2007.

³ GONDIM, Juliana M. *"Não tem caminho que nós não ande e nem tem mal que nós não cure"*: narrativas e práticas rituais das pajés tremembés. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. 2010.

⁴ Refiro-me aqui apenas às pessoas que trabalham com incorporação, pois há também rezadeiras e rezadores nessas localidades, o pajé Luís Caboclo, inclusive, mora na Varjota.

controlar a experiência da possessão, já que, quando começam a se manifestar, não só os *encantados*, mas também espíritos malfazejos podem tomar conta de seus corpos a qualquer hora, tirando-lhes o sossego.

Em todas elas, a experiência da revelação é contada como algo muito doloroso, uma fase muito dramática de suas vidas, pois seus sintomas eram concebidos por muitos membros do grupo como loucura. Nas entrevistas que realizei sobre o assunto, as pajés recorriam à ajuda de seus respectivos maridos para contarem detalhes dos fatos, pois diziam não guardarem muitas lembranças, já que perdiam os sentidos quando as entidades as possuíam. Na maioria dos casos aqui expostos, como já mencionei, tal chamado se faz após o casamento, principalmente, depois de terem o primeiro filho. As mulheres começam a mudar de humor e recusam-se às tarefas domésticas, deixando de lado o cuidado com os filhos e as casas. Contam que o pensamento começa a ficar distante e elas não conseguem desenvolver as tarefas a elas concedidas.

É muito comum narrarem que, ao entrarem em contato com objeto trazidos do mar nas pescarias dos maridos ou irmãos, como búzios, conchas e mesmo as redes de pesca, ou quando se molhavam nas águas do mar, dos rios e lagos, elas tinham alucinações e chagavam a desmaiar. Quando tais sintomas se intensificavam, as entidades tomavam conta de seus corpos, as fazendo agir de forma extraordinária. Conforme os depoimentos dos maridos, elas ficavam com uma força imensa, além disso, podiam pegar em brasa sem se queimarem e mudavam a voz. Os sintomas só cessavam quando recorriam a rituais de Umbanda e iam, aos poucos, aprendendo a controlar as incorporações. No trecho abaixo, Seu Sabino conta o ocorrido com a esposa, Dona Lucrecia:

(...) ela começou um problema que quando ela tinha uma criança, ela não dava de mamar à criança (...) porque lascava os peito, os bico dos peito lascava que ficava na carne, dum lado e outro (...) as crianças foram criadas com leite mesmo da bodega, porque ela mesma não podia. Na conta de um mês, que era a conta do resguardo dela, né? Na conta de um mês, ela não dava mais de mamar a menino (...). Até que um dia, aconteceu d'eu levar ela pra uma mulher lá no Cedro, ela era macumbeira, só que ela *trabalhava* nesses *trabalho*. (...) Aí, de lá pra cá, a mulher rezou nela lá, aí mandou que nós fosse lá depois, num dia de sexta-feira, nós fosse lá (...) aí ela foi e disse que ela era uma *média* de nascença, ela já tinha nascido com a coroazinha dela e ela tinha o jeito de *trabalhar*, ela tinha que *trabalhar*, ou ela *trabalhava* ou ela ficava doida. (...) se ela passar, mais ou menos, assim uns quinze dias sem *trabalhar*, ela se dá mal.

A partir de então, elas começavam a incorporar tais seres somente em rituais realizados nos seus *centros*, como elas chamam os pequenos galpões que constroem nos terreiros de suas casas para realizarem as incorporações. Seus *centros* são bem simples, constam neles apenas uma mesinha que serve de altar e portam imagens de santos católicos e entidades de Umbanda.

As próprias pajés, bem como as pessoas que a elas recorrem, denominam tais rituais como trabalhos de Umbanda, mas usam também outros termos para referirem-se a eles, como *tundá*, *trabalhos de encantados* ou, como afirma Dona Francisca, " *de encante*. Meu *trabalho* é da família

de Umbanda, é dos *encante* do mar, da mata, do Maranhão... Tudo é *trabalho de encante*, da família de Umbanda”.

Em linhas gerais, o ritual é muito semelhante aos rituais de Umbanda, entretanto, numa análise mais detalhada, observamos várias diferenças entre tais rituais e outros que pude presenciar em Fortaleza e mesmo nas proximidades de Almofala, em terreiros de não índios. Em primeiro lugar, não há uma regularidade na atividade ritual como nos terreiros de Umbanda, as pajés só costumam "abrir mesa" quando são procuradas por pessoas em busca de curas ou quando os próprios *encantados* solicitam seus trabalhos, pois, de tempos em tempos, mesmo que não haja a necessidade imediata de praticarem a cura, as pajés devem realizar seus trabalhos como uma obrigação para com os *encantados*.

Os trabalhos se desenrolam sempre da mesma forma: inicialmente, elas rezam, acendem velas para seus *mestres*, como também chamam os *encantados* que as auxiliam, e, então começam a incorporar as entidades. Cada uma delas tem um *mestre*, eles são descritos como *encantados* responsáveis por guardar seus espíritos enquanto outras entidades nelas se incorporam. Como elas perdem os sentidos na incorporação, necessitam de ajuda para lembrar das prescrições dos *encantados*, para isso contam com o auxílio de um *ponta de mesa* ou *cambone*, como são chamados seus auxiliares. Geralmente, são seus respectivos maridos que desempenham este papel. Logo que a entidade se incorpora, dirige-se ao *ponta de mesa* pedindo "Dai-me passagem?", e ele responde "Passagem dada!", em seguida pergunta a todos "Tem quem possa mais do que Deus?" e ao que respondem "Mais do que Deus ninguém!", então a entidade canta seu respectivo ponto, como são chamadas suas cantigas e, quando necessário conversam com algum dos participantes para indicar a cura para seus males. Assim, desenrola-se uma sucessão de incorporações de entidades do panteão umbandista, até que elas próprias decidam parar de "baixar". Quando o ritual demora muito, entretanto, os próprios *pontas de mesa* solicitam que as entidades parem. Todos os rituais que presenciei contavam com a presença de poucos participantes, geralmente apenas as pessoas que estavam à procura de cura, no máximo cinco pessoas, mas na maioria das vezes, eles se desenrolam com duas ou três pessoas, além da pajé e de seu auxiliar.

Diferente do que acontece nos terreiros de Umbanda que conheci, nesses rituais é vetado às entidades o consumo do álcool, apesar de muitas delas, como o Zé Pulintra, o Nêgo Gerson, entre outras, baixarem pedindo bebida alcoólica. O pedido, porém, é negado veementemente. É muito comum, nesse momento do ritual, as pajés repreenderem as entidades e darem-lhes conselhos para não beberem e, assim, servirem de exemplo aos demais. No primeiro ritual do qual participei, esse fato me soou muito estranho, pois, em todos os rituais de Umbanda que eu já havia presenciado, a ingestão do álcool pelas entidades é muito comum, aliás, elas nunca são repreendidas, ao contrário, devem ser prontamente atendidas em todos os seus pedidos, seja de álcool, cigarro ou charutos. Nos Tremembé, as pajés se utilizam somente do cigarro feito com fumo de rolo e, para beber, dão aos que nelas se incorporam água com açúcar - a chamada garapa. O momento em que as entidades pedem bebida alcoólica é de muita descontração, pois se torna motivo de piada entre os presentes.

Isto porque as pajés, diante da insistência de alguns deles em beberem álcool, respondem com certa irritação, com frases do tipo "Tá pensando que isso aqui é o que, rapaz? Aqui não é lugar de beber cachaça, é uma casa de respeito! Crie vergonha!". Ou seja, nesse momento, ocorre uma teatralização, no ritual, à repressão ao uso do álcool, o que não é de se admirar, pois os dramas da alcoolização são presentes em muitas das famílias, inclusive de algumas das pajés com as quais trabalhei, como Dona Elita e Dona Francisca.

A relação entre as pajés e os seres que elas incorporam, assim - embora seja marcada por uma profunda admiração e gratidão que todas elas demonstram ter por eles - não se configura como uma relação de submissão. Ao mesmo tempo em que elas precisam dos *encantados* para praticarem a cura nelas próprias e nos demais, e, por isso nutrem por eles um sentimento de gratidão, elas se dão ao direito de lhes aconselhar e, ainda mais, ralhar com eles. O fato de se recusarem a ingerir bebida alcoólica quando estão incorporadas é um exemplo claro disso. Aliás, não só as pajés têm esse comportamento, mas os seus auxiliares, quando solicitam dos *encantados* que encerrem os rituais pelo adiantado da hora⁵, o fazem "sem muita cerimônia", com frases como "Tá bom, vamos deixar a cumade descansar!" ou "Vocês não acham que tá bom, não? A gente também tem o que fazer em casa, tem que trabalhar amanhã cedo...". Os outros participantes do ritual, eventualmente, também dão opiniões e entram nas conversas... E assim as coisas vão-se desenrolando numa atmosfera de descontração.

Apesar de as pajés classificarem seus trabalhos como sendo de Umbanda, elas próprias, em muitos momentos, demarcam algumas diferenças entre os rituais por elas praticados, em seus *centros*, e aqueles praticados nos terreiros de Umbanda, registrados na Federação Cearense de Umbanda. Além dos centros das pajés tremembés, conheci dois desses terreiros nas proximidades de Almofala, um situado na localidade de Torrões, cujo dono era Seu Raimundo Ipoute, já falecido, e o outro conheci mais recentemente, já no ano de 2013, de Dona Mariazinha, na localidade do Córrego das Moças⁶. Ambos reconhecem o respaldo das práticas curativas das pajés de Almofala - sobretudo de Dona Maria Bela, que é muito conhecida na região por seus *trabalhos* - mas Seu Raimundo diz não reconhecer tais *trabalhos* como sendo de Umbanda, pois diferente do que ocorre em seus terreiros, os *centros* das pajés de Almofala não são registrados na Federação, conforme explicita o trecho seu depoimento:

Esses negócio que chama negócio de tundá é índio. Os índio, né? E de Umbanda é de outro *trabalho*, da Federação de Umbanda. E tundá não tem licença, ninguém não paga nada. Agora de Umbanda tem licença, é pago todos os ano.

Já Dona Mariazinha, disse já ter ouvido falar das atividades curativas de Dona Maria Bela, mas nunca a conheceu pessoalmente, por isso, não sabia se tais atividades seriam mesmo de Umbanda, pois, também para ela, estes terreiros só seriam reconhecidos se fossem cadastrados. As

⁵ Os rituais geralmente se iniciam por volta das oito horas da noite e não costumam chegar à meia noite.

⁶ Ambas as localidades estão fora da área indígena, mas pela há relações bem próximas entre seus moradores, inclusive de parentesco.

pajés, entretanto, embora exerçam com frequência suas atividades rituais, não sinalizam a necessidade de institucionalização, pois nenhuma delas é registrada oficialmente. Ainda assim, classificam suas práticas como umbandistas.

Já nos eventos políticos do grupo, as lideranças sempre se referem a práticas curativas que envolvem *encantados* como *trabalhos de encantados*. Ou seja, na medida em que se faz necessário demarcar diferenças identitárias, tais *trabalhos* assumem, no discurso político do grupo, um lugar de diferenciação em relação aos trabalhos de Umbanda, praticados por não índios. Entretanto, a forma como os Tremembé apreendem os *encantados* e os rituais a eles relacionados vai bem mais além das questões étnicas, mas revela a cosmovisão dos Tremembé, conforme fui percebendo, na medida em que avançava na investigação.

Quanto mais eu ia colhendo depoimentos sobre os *encantados*, mais esta dimensão se abrangia e se tornava mais difusa aos meus olhos. As descrições de como eram tais seres, em quais momentos eles se manifestavam e quais eram seus poderes eram bem diversas, muitas pessoas, inclusive, demonstravam um grande despreço às atividades rituais das pajés, acusando-as de estarem ligadas às forças diabólicas⁷, enquanto os *encantados* só existem para "fazer o bem". Ou seja, as atividades rituais onde há a prática da incorporação - os chamados *trabalhos de encantados*, *trabalhos de mesa*, *Umbanda* ou *Tundá* estão marcados por um forte estigma que remete à disputa travada com as religiões cristãs desde o período da Missão de Nossa Senhora da Conceição de Almofala até os dias atuais, onde os principais agentes dessa disputa são os missionários evangélicos da Missão Novas Tribos do Brasil. Abaixo, transcrevo uma rápida conversa que tivemos - eu, Dona Neném Beata, Rosângela e Ismael⁸ - em um intervalo da I Assembleia Indígena Tremembé, Dona Neném nos explicava a diferença entre pajés e macumbeiros.

Dona Neném: Pajé, ele trabalha com a natureza, trabalha com a erva, umas ervas aí que servem pra fazer remédio, sabe? Ele trabalha com a natureza... Ele trabalha com um, com outro... E os *encantado* também ele sente; o pajé, ele sente a *força* dos *encantado*. E o espiritismo, que justamente é o macumbeiro - chamam macumbeiro, mas é o espiritismo - ele trabalha com as forças diabólica. (...) é aquela alma que não fica num bom lugar, que vai se *encostar* naquela outra pessoa. Olha, você sendo uma boa pessoa, um bom espírito, uma boa criatura que você morre e vai pra um bom lugar. Você só vive no mundo pelo consentimento de Deus e pra fazer o bem. Mas se você fez o mal nesse mundo e se muda e vai pra um mau lugar, que você, se voltar pro mundo, você só vem fazer o mal.

Juliana: mas tem pajé que recebe também, né?

Ismael: aquele ali não é o pajé, é o macumbeiro mesmo.

Rosangela: mas o pajé, ele também recebe...

Dona Neném: o pajé, ele não é pajé, ele é o médico da aldeia. O pajé, ele ensina o chá duma malva, ele ensina o chá do hortelã, ele ensina o chá de uma casca de imburana, duma aroeira, esse negócio assim, ele tem *força*. (...) Os *encantados* é aquelas pessoa que morrem e fica num bom lugar, aí fica debaixo de um pé de pau, um pau que dê sombra, na beira de uma água, onde tenha água fresca, ele fica ali...

⁷ A demonização das práticas rituais nativas também foi tratada por mim em um capítulo da dissertação de mestrado, onde faço uma discussão, apoiada em autores como Laura de Mello e Souza e Ronaldo Vainfas, que retratam as estratégias de demonização postas em prática nos aldeamentos.

⁸ Dona Neném Beata é uma rezadeira muito reverenciada e antiga liderança, moradora do Mangue Alto. Rosângela, sua filha, é professora indígena na escola da mesma localidade. E Ismael, no momento da gravação do áudio, era casado com Dijé, agente de saúde e importante liderança, irmã do cacique. Desde a separação do casal, entretanto, ele se afastou do movimento.

(...) Todo Tremembé é *entendido*, todo Tremembé é *sabido*⁹, trabalha com vivo, trabalha com morto... (...) É por isso que eu digo, o índio não morre, ele se muda, ele se *encanta*, aquele índio que trabalhar pro bem, ele se *encanta*, mas ele volta e vem ajudar aquele que ta ainda na terra a caminhar só pro bem.

A descrição de como são tais seres, portanto, é bem diversa entre os membros do grupo. Aqueles que têm uma trajetória de vida ligada às práticas umbandistas, incorporam os personagens deste panteão, já outros que não costumam recorrer a tais práticas descrevem os *encantados* como personagens como o Curupira, o Guajara, a Mãe d'Água... Quando falam da aparência desses seres, é ressaltado que eles têm o do de tomarem a forma que quiserem. Podem transformar-se em animais, pessoas ou mesmo objetos. Entretanto, entidades como o Curupira e a Mãe d'Água sempre são descritos da mesma forma, o primeiro como um menino de pele escura, cabelos de fogo e os pés voltados para trás e ela como uma bela mulher de longas cabelos que lhe cobrem os seios desnudos.

Durante as pesquisas de graduação e mestrado, mesmo tendo como prioridade narrativas e práticas rituais das pajés, realizei muitas entrevistas sobre *encantados* com vários membros do grupo, sobretudo agricultores e pescadores, pois as pessoas que ocupam essas duas categorias, têm um contato muito direto com as matas e águas de Almofala, os lugares preferidos dos *encantados*. Entretanto, embora visse nestas narrativas muitas revelações sobre a cosmologia dos Tremembé, não podia aprofundar tais análises por não ser este o escopo da pesquisa em curso naquele momento.

"Tem que ter *ciência*" - a produção de conhecimento entre os Tremembé

No ano de 2011, após concluída a pesquisa de mestrado, retornei a Almofala com a equipe responsável pela elaboração do laudo pericial para o processo de demarcação da Área. Foi nesse momento que comecei a delinear os esboços desta pesquisa, pois, ao denunciar os processos de esbulho de suas terras, os Tremembé ressaltavam veementemente a preocupação com os *encantados* que, como eles, também estavam vendo suas moradas destruídas pelas ações predatórias que os assolam nas últimas décadas.

Percebi, então que as relações entre índios, *encantados* e espaços precisavam ser consideradas para muito além das narrativas e práticas rituais das pajés. Minhas análises, até então vinham privilegiando as representações sobre espaços, tempos, cosmos... Mas não eram suficientes para dar conta do entendimento acerca dos *encantados*, pois, para isto, esta análise deveria romper com uma visão dualista entre o indivíduo e o mundo.

Até então, os trabalhos desenvolvidos sobre os Tremembé, ainda que levem em conta a presença de seres *encantados* que habitam os arredores de Almofala, não trazem esses seres para o centro das disputas territoriais. E é isso que pretendo fazer aqui: Perceber os *encantados* como seres plenos de intencionalidade e que, como tal, agem sobre os espaços e as pessoas que neles vivem.

⁹ É comum usarem-se os termos "entendido", "sabido", ou "quem tem experiência" para referirem-se às pessoas que conseguem se comunicar com os *encantados*.

Alcançar esse intento, porém, não é tarefa fácil, pois os *encantados*, embora sejam seres que permeiam todos os âmbitos da vida social dos Tremembé, estão sempre envoltos a uma atmosfera de mistério e perigo. Mesmo as descrições que revelam detalhes sobre o modo de vida e a história de alguns personagens, são sempre rotas e desbotadas, pois os *encantados* se esforçam para manter os humanos afastados deles e de suas moradas, salvo quando se manifestam nas curas das pajés. Ora se manifestam só por sons que conseguem produzir nos matos, ora aparecem materializados, ora curam, ora assombram e castigam...

O fato é que não só os pajés, mas todos os membros do grupo estão ligados a uma teia de ações e significados relacionados aos *encantados*. O fato de concebê-los como ancestrais dos membros do grupo que dividem com os vivos os espaços de Almofala suscita uma série de questões, pois, para agir e pensar sobre os espaços, os Tremembé precisam se relacionar diretamente com tais seres.

Nas mais diversas narrativas, as chamadas "coisas da natureza" - plantas, águas, rios, etc. - são expostas como coisas encantadas. Quando se referem às propriedades curativas das plantas, por exemplo, se falam que "são *encantadas*", há que se descobrir o *encante* de uma determinada planta para saber usá-la.

Muitas dessas propriedades são, muitas vezes, reveladas às pajés por meio de sonhos, incorporações ou visões. Algumas pessoas, mesmo as que não têm o dom de ver os *encantados*, também conseguem perceber os *encantes* das plantas através daquilo que chamam de *ciência dos encantados*. Segundo alguns depoimentos revelam, determinadas pessoas - os *sabidos* ou *entendidos* - são conhecedores dessa *ciência*. O trecho de uma conversa entre mim e o pajé Luís Caboclo ilustra bem essa questão:

Quando se fala de *encantados*, são diversos aspectos, porque nós tem os nossos ancestrais, aqueles que já foram e que ficam tendo um contato. Não um contato pessoal, mas um contato espiritual. A gente tem avisos. A visão é um lado dos *encantado*, o outro lado chama-se a medicina tradicional que é a medicina das planta que é *encantada*, ela ta aí no mato, todas essas árvores, todas elas, elas tem um significado, ela cura uma doença, ela tem uma serventia. E é *encantada*, ninguém sabe. Aí a partir daí é que alguém descobre e começa uma planta medicinal, quando chega uma doença determinada, já sabe qual é a planta, planta fulana de tal, faz o chá, faz o xarope, faz a garrafada, lambedor...

Juliana: mas aí como é que sabe?

Luís Caboclo: é porque é *encantado*, aí vai descobrindo.

Juliana: porque nem todo mundo tem esse merecimento, né?

Luís Caboclo: pois é, nem todo mundo tem, esse é um lado dos *encantado*, o outro lado chama-se a experiência da própria natureza que também não é todo mundo que sabe.

Juliana: e quem é esse povo que sabe?

Luís Caboclo: (risos) as pessoas que têm *experiência*. Antes, agora isso ta ficando em extinção. Antes quando era pr'um jovem casar, uma pessoa queria fazer uma casa, tinha um *sabido* que ia lá, a pessoa ia lá, "ói, eu quero botar minha casa e quero um lugar bom, que seja sadio", e aí a pessoa ia num certo horário, um horário determinado e dizia "bote aqui! - ele dizia - bote aqui nessa região", "não, mas eu queria mais pra cá", "pra cá não bote, que não dá, é doentio, aqui mora um *encantado*", porque às vez bota num lugar errado, aí ele não vai se dar bem, porque alguém não vai aceitar... Tudo é o lado *encantado*. Tem o outro lado, o lado da planta, fazer a planta, a terra, o terreno... Isso, no lado da ciência convencional, é o lado do engenheiro, ele vai lá diz o que é bom... Isso é outro lado que a gente não estuda, mas sabe. A água, saber onde a água é boa, onde a água não é boa, tudo é o

lado que conhece como *encanto* que vem através da sabedoria. A biologia, que fala da água, os vento... O tempo tem um contato de *encantado*. (...)É outro lado que tudo se trata de *encantado*, tem os espíritos, os espíritos de luz que é o contato dos nossos povos, dos nossos ancestrais, a mata – a mata é um *encante*, também – que, no caso agora, o cara quer fazer uma regressão, se for o caso, aí hoje em dia não pode fazer mais, porque não tem mais mata. Tem que ter a presença da mata. Pra você fazer contato com alguém que tá lá fora, não pode fazer mais, porque você tem que ter no mínimo uma hora, uma hora e meia sem contato com ninguém.

Juliana: pra conseguir ter contato com eles?

Luís Caboclo: pra conseguir ter contato.

Juliana: aí como é que eles se manifestam, seu Luís?

Luís Caboclo: isso é o lado mais... muito *experiente* desse lado aí, de muita *sabedoria*, que chama-se *vocação*. É o lado da *vocação*. Eu tenho um irmão em São Paulo ou no Rio que tá desaparecido aí no meio do mundo, aí eu quero ver ele, conhecê-lo a qualquer custo e não tem contato nem nenhum conhecimento, aí eu digo “eu vou fazer uma *vocação* pra descobrir fulano de tal”, aí eu tenho que ir pra mata, e aí lá eu vou ter um ponto determinado, uma hora, duas horas, três horas, sem contato com ninguém, que eu vou ficar lá numa posição e vou morrer lá. Meu espírito não fica ali, eu viajo, vou caçar ele. Aonde ele tiver, se ele for vivo, eu fico aparecendo. Pra todo lado que ele se vira eu apareço, aí ele me reconhece e aí fica tendo contato. E aí ele se preocupa, eu faço uma representação lá, ele se preocupa e não tem jeito, “eu tenho que ir na minha terra ver o quê que tá acontecendo, que tá acontecendo alguma coisa... e aí no prazo de quinze dias, ele tem que vir. Isso é um lado *encantado* também. Agora naquele momento, e chegar uma pessoa, eu tando ali e chegar, “ah, é fulano de tal!”, chegar e “fulano! fulano! fulano!”, eu to morto, não volto não!

Juliana: se alguém atrapalhar.

Luís Caboclo: se alguém me chamar, falar comigo... só se ver e não falar, mas se falar, eu to morto ali. Não volto mais.

Juliana: perigoso, né, isso?

Luís Caboclo: é, é complicado. Isso é na presença da mata, onde não tenha presença de ninguém. Agora não tem mais, nós não temos mais lugar pra fazer isso. Porque é a vida, quando nós tem as matas, o cabra saía aqui de manhã, andava cinco léguas, se colocava lá no centro, aí ninguém via, passava o dia todinho lá e...

A narrativa acima indica que as forma como os Tremembé pensam e praticam o ambiente em que vive está intrinsecamente relacionada às "negociações" feitas com os *encantados*. Ou seja, é necessário, como mencionei, trazê-los para o centro dessas disputas e compreendê-los como seres sociais plenos de intencionalidade. Desse modo, construir uma casa em um lugar já habitado por um *encantado* pode acarretar sérias consequências para o "invasor", pois ele deverá sofrer retaliações por parte da entidade que teve seu espaço violado. Evidentemente, diante das intensas disputas territoriais que se desenrolam em Almofala atualmente, nem sempre é possível abrir mão dos espaços em favor dos *encantados* que neles moram, entretanto, quando isto não é possível, é preciso estar preparado para enfrentar a disputa que poderá se desenrolar. Um exemplo foi a construção da Escola Indígena Diferenciada da Tapera, onde foi preciso desmatar a área para dar lugar à edificação. Logo que começaram a cortar as árvores, muitos trabalhadores começaram a "entoar-se"¹⁰ e foi preciso a intermediação dos pajés para que a construção continuasse, pois muitos se recusavam a continuar os trabalhos com medo da vingança dos *encantados* que lá moravam. Esta relação, portanto, é marcada por tensão e perigo.

Voltando à narrativa do pajé, a comparação entre o que ele chama de "ciência convencional" e o "encanto que vem da sabedoria" elucida que os Tremembé compreendem o conhecimento do mundo como algo que só pode ser produzido com os *encantados*. Não estou afirmando aqui que o

¹⁰ Esta expressão vem do verbo atuar: os espíritos atuam sobre as pessoas que os incorporam.

conhecimento é transmitido pelos *encantados*, mas eles próprios são a fonte de tais conhecimentos. A *ciência* a qual se referem é o próprio *encante*, que se guarda numa atmosfera de perigo e mistério. São fragmentos desse mistério no qual os *encantados* estão envolvidos que vão sendo descobertos pela experiência sensível do contato com o ambiente - formado por elementos e objetos também encantados - e que proporcionam aos Tremembé terem acesso a este conhecimento. Ou seja, não há a concepção de que há um *encantado* que repassa um conhecimento, o *encantado* é ele próprio esse conhecimento. Na narrativa, o pajé esclarece que os conhecimentos sobre as plantas curativas, por exemplo, são encantados e é preciso, por isso, desvendá-lo. Assim sendo, acessar esse conhecimento é uma tarefa difícil e perigosa, exclusiva dos que se lançam ao risco do contato com estes seres.

A experiência sensível que desemboca na construção dessa *ciência* também pode ser ilustrada pelos dados que colhi nas minhas caminhadas pelas matas da Passagem Rasa, com dois interlocutores que foram essenciais nesse momento da pesquisa - Seu Zé Domingos e seu filho, Manuel, duas lideranças do Movimento Indígena e profundos conhecedores das matas locais. Em muitas dessas caminhadas, eles me diziam que descobrem as propriedades curativas das plantas através da *experiência*, isto é, pelo olhar, pelo cheiro, pelo tato, pela textura, pela forma, pela cor... E assim, experimentando a planta, deduzem a sua serventia. Trata-se, portanto, de uma experiência que mobiliza todos os sentidos na percepção do ambiente. Assim sendo, as relações do sujeito com o ambiente que o cerca não podem ser apreendidas de maneira dualista como um ser que simplesmente cria representações acerca do mundo ao seu redor, ao contrário, as coisas do mundo interagem num movimento contínuo e recíproco e é essa interação que constitui a vida social (Ingold, 2000).

Interagir com as plantas e os lugares, é, antes de tudo, uma experiência sensorial. Não se trata, portanto, somente de criar representações sobre o mundo e tudo que o cerca, mas de compreender a relação entre o ser e o mundo, como mutuamente construída. Assim, as considerações propostas por Ingold (2000) serão muito caras a esta pesquisa. Buscando inspiração na fenomenologia de Merleau-Ponty, Ingold concebe a relação homem-mundo como sendo recíproca e multissensorial; que envolve o ver, o falar, o escutar, o tatear, o cheirar... Enfim, todos os sentidos são mobilizados na percepção do ambiente, percepção esta, é preciso ressaltar, que ele não apreende como sendo apenas uma forma de dar significado ao mundo, mas uma experiência através da qual o ser humano vai desenvolvendo habilidades, ou seja, ele busca desconstruir a ideia de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para dar lugar a um ser no mundo.

E as narrativas sobre os *encantados* descortinam essa forma de interação entre os Tremembé e o mundo que os cerca. Um mundo cheio de *encantes*, surpresas, perigos... Estar em contato com *encantados* é sempre - como a narrativa acima expõe - um grande risco. Várias são as histórias de pescadores ou caçadores que, descuidados, foram encantados por seres com os quais ele se depararam nas suas rotinas de trabalho. A reação que quase todos têm a qualquer sinal da presença dos *encantados* é evitar o encontro, como o exemplo da história abaixo, contada por Manuel:

Eu saí aqui, pra tirar umas vara pra fazer essa porteira ali. Isso era meio dia, bem meiodiã! Eu pulei aqui o arame e saí pra lá pro mato, aí eu peguei a vareda, peguei a varedinha vindo de lá. eu digo, 'eu vou tirar aqui bem no pé da vareda as vara que é pra ficar fácil, né, d'eu botar pra fora, que elas tando bem no pézim da vareda...'. Aí eu fui e tirei as vara. Comecei a tirar, de cabeça baixa aqui, tirando, tirando, já tinha torado assim bem umas cinco ou seis, de cabeça baixa aqui bem no pézim da vareda, no pézim da vareda... Aí quando eu escutei bater assim pra frente, bater vindo de lá pra cá. Como que fosse uma pessoa vindo de lá pra cá por dentro do mato. Dentro do mato, andando na vareda por dentro do mato, batendo no mato, de lá pra cá, aí eu maginei até assim 'é gente que tem ali no mato tirando pau também', que aí nesse mato aí a negada tiram vara, o que precisa, eles tiram aí no mato, né? Aí eu digo, 'é gente que ta tirando vara'... eu imaginei que era um senhor que tem ali que ele tava fazendo uma casinha de taipa e eu imaginei que era ele que tava tirando vara também pro mode envaroar as parede, né? Aí eu também não me importei, eu escutei aquela zoada e também não me importei, eu digo 'é o véi que ta ali tirando vara também', aí fiquei... aí eu fui e disse assim 'tendo gente de lá pra cá na vareda, ele vai passar bem aqui onde eu to, aqui no pé... aí fiquei ali tirando vara e vinha de lá pra cá essa zoada (...) aí eu sei que eu esperei né? fiquei ali tirando vara, tirei o tanto das vara que eu ia tirar, aí quando chegou assim bem perto de mim, aí calou. aquele jeito daquela pessoa que vinha de lá pra cá no mato calou. Aí calou, eu tirei as vara, botei num monte (...) quando eu cheguei lá, onde tinha parado a zoada, quando eu olhei o rastro no chão, se tinha rastro de alguém, se era gente mesmo que vinha de lá pra cá, se tinha rastro de alguém lá por onde tinha parado a zoada, aí eu olhei prum lado, olhei pro outro, que lá é assim meio limpo [referindo-se ao chão de areia branca de praia, no lugar por ele especificado não havia muitos arbustos] reparei o rastro, se tinha rastro de alguém, se não tinha... Aí eu não vi rastro de ninguém, não vi rastro de ninguém. Aí eu digo "rapaz, mas que zoada era aquela no mato, que parecia gente e não era ninguém?" Também eu imaginei logo "isso aí só pode ser alguma coisa". Também eu vim de lá pra cá ligeiro, peguei meu feixe de vara, botei no ombro, vim m'embora e lá ficou [risos] depois eu imaginei logo, 'isso aí só pode ser os *encantado*, a visão logo do mato aí". Tem muita... tem muita... essas coisa aparecem...

Durante os últimos meses de campo, Manuel e seu pai, Seu Zé Domingos, com paciência, explicaram-me a lida com os roçados, as propriedades das planta, falaram sobre a diversidade da fauna e da flora da região e me contaram muitas histórias de *encantados*. Isto porque, como trabalham na agricultura e na pesca, estão frequentemente em lugares onde *encantes* costumam se manifestar, então tal contato é inevitável. Na mesma conversa acima, Manuel conta sobre um dia em que estava pescando com *choque*¹¹ e conseguiu prender uma grande traíra dentro da armadilha, porém, quando foi tirá-la de dentro, ela desapareceu. Ele explica que se tratava da Mãe d'Água que se transformara em traíra para assustá-lo e afastá-lo de suas moradas.

A *ciência e sabedoria* devem ser compreendidas enquanto processos que se desenrolam das relações com os *encantes*. Estas relações desnudam o que eles chamam de "segredos da natureza", logo, a compreensão de como os Tremembé concebem a existência das coisas - vivas ou não - só pode ser alcançada através da relação com os *encantes*.

As caminhadas com Seu Zé Domingos, como já mencionei, eram especialmente produtivas nesse sentido. Ele ia mostrando frutas nativas, plantas que serviam para cura ou para a fabricação de utensílios - como o tucum, do qual se fazem redes e cordas - e também lugares onde ele já havia se deparado com sinais deixados pelos *encantados*... Segundo ele, os *encantados* são seres que não podem ser vistos, somente ouvidos, conforme o depoimento a seguir:

¹¹ Armadilha para pesca feita artesanalmente com varas e cordão de tucum.

Aí é antigo, desde o meu conhecimento de menino, que vem vindo... A gente escuta, mas não vê. A gente às vez se espanta, quem já sabe aí nem se preocupa, mas a pessoa que não sabe, vendo aí fica assanhado... É que nem o assobieiro, o assobieiro, eu não sei na cidade, mas aqui pelo mato, nos meses do inverno, quando ta no inverno, não é toda noite, mas a gente escuta muito o assobio dele. É uma coisa que não tem quem diga o que é. A gente escuta, mas não vê, eu pelo menos, eu nunca vi não, escutar eu escuto, mas vê não... É *sistema de encante*. *Sistema de encante*, é... É as coisa que a gente tem aquele sentido que existe, mas ninguém nunca encontra, é assim como que seja... Encantado, que tem o nome, mas ninguém nunca acha o dono. Porque tem o dizer assim, "tudo o que tem nome tem o dono, o menos o segredo do encante". É como o segredo da natureza. Aqui em riba da face da terra, não existe um sabido pro mode ele me dizer o significado do segredo da natureza, pode fazer o que fizer, mas não tem... Tem aquela história dos cientista, que vai acontecer... Às vez quando acontece, mas eles erram, que nunca é uma coisa certa. A natureza, ela faz e desfaz. Você já percebeu isso?

Como podemos perceber, ele articula o termo "natureza" com o poder dos *encantados*. O "sistema de encante" é a própria ação daquilo que ele chama de "natureza". Em muitas das nossas caminhadas pelas matas, quando me mostrava alguma planta e falava sobre suas propriedades curativas, ele repetia "na natureza tudo é encantado!". E quando eu perguntava se alguma planta tinha o poder de curar, ele nunca dizia "não". As plantas cuja propriedade curativa era conhecida por ele, ele falava sobre, quando não, ele afirmava que "o *encante* dessa planta ainda não foi descoberto", ou seja, o poder curativo que emana das plantas é o seu *encante*. Por isso os *encantados* conhecem tais propriedades e podem auxiliar nas curas.¹²

O discurso do pajé Luís Caboclo na I Assembleia do Povo Tremembé, em 2009, também nos ajuda a compreender melhor a questão:

Este sol que ilumina, ele tem um poder tão grande que (...) só ele clareia o mundo, clareia tudo enquanto, ele pode clarear a cabeça de todos nós. Ele tem uma *sabedoria* tão grande, ele tem uma rapidez, uma velocidade, que a gente não percebe. Você pega um avião e você viaja o dia todinho e não atravessa o Brasil se for o caso, e ele anda muito rápido. E o sol todo dia atravessa o mundo, bem devagarzinho, ninguém vê ele se mover e todo dia ele atravessa. Ele se impõe aos avião, com tanta velocidade e ficam no meio do caminho, é uma rapidez... É conforme a rotação e aí ele faz aquela globalização todinha. Isso é muito complicado. Por conta disso, ele é muito perigoso, porque ele convive o mundo inteiro, ele não convive só aqui em nós não, ele vive todos e todas, ele clareia tudo! E isso é muito com, isso faz parte da cura, faz parte de tudo. A medicina tradicional, as árvore, elas têm um poder de espírito que é muito grande, e faz parte do lado espiritual, porque elas, porque elas são viva. Os espírito (...) a maioria, eles vive debaixo das árvore, eles procuram as árvore. (...) Eu não sei ler, não sei nada, mas eu aprendo com o tempo, ele é que é professor de todo mundo, além da visão que a gente tem, a gente aprende. Eu vi uma frase aqui (...) lá na Tapera, 'tão brocando o mato, aí disse que ta aparecendo lá uma frase, que diz que é uma voz, uma coisa... Não sei se é os menino inventado, mas mesmo sendo inventando, tem lenda que elas são muito produtivas, elas são verdadeira. (...)Se uma voz fala dizendo que "tão tomando meu espaço e eu moro aqui e eu quero viver aqui..." e aquela coisa... E essa voz fala e ninguém vê nada que fica assim, um tipo duma assombração. Os espírito, eles têm o lugar de morar, o lugar de viver. Agora com a civilização, com a tirada das mata, é que isso acabou, mas antes... Não sei se em todas as aldeias tinha, mas os Tremembé com certeza tinha. E a gente conhece esse segredo. Quando era pra botar uma casa, ia lá uma pessoa determinada ou uma pessoa que tivesse conhecimento e aí praquela pessoa dar o lugar da casa. "Eu queria botar nesse continente aqui, mas eu queria que você desse o

¹² Outro caso etnografado na Amazônia indígena que tem me ajudado bastante a refletir sobre o conhecimento os Tremembé acerca das plantas e suas classificações é o de Oliveira (2012), no qual a autora analisa os saberes e enunciados dos Waiãpi sobre as plantas, no intuito de alcançar como os membros do grupo se relacionam com o ambiente da floresta e os seres que a compõem.

lugar pra eu botar”, e aí aquela pessoa sai, vai lá num horário da noite, e aí correge aquela área, e aí, com a continuidade, uns se regalavam pelo calor da terra, aquele movimento, aí ficava ali naquele movimento sozinho, aí dizia “o lugar da casa é aqui. Aqui não pode, aqui não pode, pode aqui”, “não, mas eu queria aqui”, “se você botar aí, aí é doentio aí não dá, não pode, aqui você não vai se dar bem, porque você não vai ter muita felicidade, bote aqui!” e era lá o lugar. (...) aí não era mais o silêncio que dizia, era as árvore que dizia. As árvore diziam onde era pra botar, que tem tudo a ver com a *ciência*. (...) às vez a pessoa diz assim”fulano só vêve doente, a família toda doente, é um azar e tal... Tem tudo a ver com o local que você mora. Às vez você... Existe uma lenda que diz assim “Te mudas de região, que tu mudarás de posição!”

As narrativas acima nos ajudam a compreender sobre o que exatamente os Tremembé falam quando articulam o termo "natureza". Conforme o pajé, as coisas no mundo se movimentam porque são encantadas. Há uma *ciência dos encantados* que movimenta o mundo. Até então, os trabalhos produzidos sobre os Tremembé - inclusive o meu, no mestrado - consideravam os *encantados* como seres que controlam as "forças da natureza". É o que dizem muitas das narrativas colhidas entre os Tremembé. Entretanto, não se leva em conta se aquilo que eles chamam de "natureza" é o mesmo que nós chamamos. Com base nos dados etnográficos aqui expostos, sugiro que não. Em sua etnografia sobre os índios pescadores, Oliveira Jr. (2006) coloca os *encantados* num papel de mediadores das relações dos Tremembé com o que o autor chama de "natureza". Assim, os *encantados* estariam em outro plano, uma dimensão "sobrenatural" da qual eles protegem a "natureza", que é visto como algo dado.

Nas minhas investidas em campo, o que tenho visto, porém, é que estas dimensões não estão propriamente separadas. Os *encantados* não estão "fora" da natureza - em uma instância sobrenatural - protegendo e cuidando de seus recursos. Os elementos que classificamos como "naturais" - águas, matas, pedras e dunas - são, eles próprios, encantados. Eles portam em si mesmos um *encante*, saindo, pois, das esferas de "mediadores" e atuando diretamente nessa relação.

Quando evocam a categoria *encantados*, quase sempre os Tremembé também evocam a categoria "natureza". Sobretudo quando se referem à degradação ambiental posta em prática atualmente na Área Indígena, eles demonstram também uma preocupação sobre como ficam os *encantados* diante da degradação de suas moradas. Mas e os *encantados*? Como ficam diante dessas disputas? Como estes se inserem nessas dinâmicas? De que forma são afetados e como reagem diante de toda essa situação?

Quando questiono isso aos meus interlocutores em campo, geralmente a resposta é a mesma: os *encantados* são importantes aliados na luta pela conquista definitiva da Área indígena Tremembé. Isso porque, assim como os humanos, eles também são atingidos pela degradação ambiental. Embora os *encantados* se esforcem para afastar os índios de suas moradas, eles consideram os índios aliados na luta contra invasores "de fora", responsáveis pelo avanço da degradação ambiental em curso na Área Indígena atualmente.

Coloco aqui uma questão, este fato seria suficiente para afirmar que os *encantados* fornecem um modelo de ação política aos Tremembé? Pelos dados colhidos até então, penso que posso afirmar que sim, pois, na medida em que os Tremembé o incluem na luta política estão afirmando que a

gestão desses espaços deve levar em conta a presença desses seres em suas moradas e, mais do que isso, o direito deles de permanecerem nesses locais.

Considerações finais

Diante dos dados aqui expostos, encerro este artigo não com conclusões definitivas sobre o significado das dimensões natureza e sobrenatureza para os Tremembé, mas com indagações que me ocorreram diante dessas experiências em campo. Estariam os encantados num limiar entre natureza, sobrenatureza e cultura? Não posso afirmar aqui que os Tremembé não fazem distinção entre natureza e sobrenatureza, mas, certamente, tais noções não são, para eles, o mesmo que são para nós. Isso é fato, já que os *encantados* - seres que, para nós, seriam sobrenaturais - não são descritos como seres que estão numa "sobrenatureza", eles são postos como seres *da natureza*.

Para compreender os *encantados* como agentes plenos de intencionalidade, proponho, então, lançar-me ao exercício de uma antropologia simétrica, nos moldes propostos por Latour (1994), quando postula que a antropologia, enquanto uma ciência fundada no contexto da modernidade para compreender os não-modernos, introjetou nos seus conceitos e práticas a distinção entre natureza e cultura, permanecendo assimétrica, na medida em que evitava estudar os objetos da natureza e se limitava ao estudo das culturas. Para torná-la simétrica, precisamos estar situados num ponto intermediário, de onde possamos observar a atribuição de propriedades humanas e, também, não humanas. Reconstruir-se tomando como partida o princípio da simetria tem sido um dos grandes desafios lançados à antropologia contemporânea, e o que pretendo é, também, lançar-me a este desafio, trazendo os *encantados*, bem como os elementos a eles associados - as águas, areias, conchas, matas, pedras e árvores de Almofala - para o centro da vida social dos Tremembé. Compreendê-los não somente como uma representação social, mas como agentes plenos de intencionalidade e que interagem com os seres visíveis, formando complexas redes de relações.

Assim, proponho-me, neste trabalho, a saltar em um enorme abismo aberto ao longo da história das ciências entre o humano e o natural. Os *encantados*, conforme os dados etnográficos aqui expostos evidenciam, não somente controlam os fenômenos e as coisas que classificamos como "naturais", eles **são** as coisas em si. Ao se referirem às plantas, por exemplo, eles apresentam suas propriedades curativas como o *encante* da planta. Segundo vários depoimentos colhidos, cada planta tem seu *encante*, mas só alguns conseguem percebê-los através de uma série de habilidades que vão desenvolvendo na interação com o mundo.

Bibliografia

ANDRADE, Ugo Maia. *O real que não é visto: xamanismo e relação no baixo Oiapoque (AP)*. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo. 2007.

BONILLA, Oiara. *Cosmologia e organização social dos Paumari do médio Purus (Amazonas)*. In: *Revistas de estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília*, v.2, n.1, p.7-60. 2005.

_____. *O bom patrão e o inimigo voraz: predação e comércio na cosmologia paumari*. In: *Mana*, v.11, n.1, p.41-66. 2005.

- CAVALCANTE, Gustava B. *A natureza encantada que encanta: histórias de seres dos mangues, rios e lagoas narradas por índios Tapeba*. Tese de Doutorado. Doutorado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. 2010.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Antropologia do Brasil: mito, história e etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Cultura com aspas*. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- DESCOLA, P. *Ecologia e Cosmologia*. In: DIEGUES, Antônio Carlos. *Etnoconservação – novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo, Hucitec, 2000.
- _____. *La Nature Domestique: symbolisme et praxis dans l'écologie dès Achuar*. Paris: Ed. de la Maison dès sciences de l'homme, 1986.
- GALLOIS, Dominique T. *Terras Indígenas? Territórios? Territorialidades?* In: RICARDO, F. *Terras indígenas e unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições*. São Paulo: Instituto Sócioambiental, 2004.
- _____. *O movimento na cosmologia waiãpi: criação, expansão e transformação do mundo*. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo. 1988.
- GONDIM, Juliana M. *Dona Maria Bela: suas curas e seus encantos*. Monografia de graduação em Ciências Sociais, UFC, 2007.
- _____. *“Não tem caminho que nós não ande e nem tem mal que nós não cure”*: narrativas e práticas rituais das pajés tremembés. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará. 2010.
- GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. VIDAL, Lux Boelitz e FISCHMAN, Roseli. *Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- INGOLD, Tim. *The Perception on the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London and New York: Routledge, 2000.
- KIRSCH, Stuart. *Reverse Anthropology: indigenous analysis of social and environmental relations in New Guinea*. Stanford University Press: Stanford, 2006.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974.
- MESSEDER, Marcos Luciano L. *Les Rituels et Drames d'Alcoolisation chez les Tremembé*. Lyon, Université Lumière Lyon 2. (Tese de Doutorado). 2004.
- NASCIMENTO, Marco Tromboni de Souza. *O Tronco da Jurema. Ritual e Etnicidade entre os Povos Indígenas do Nordeste : o caso Kiriri*. Salvador, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1994.
- NOVO, José Silva. 1976. *Almofala dos Tremembés*. Itapipoca: /s.n./
- OLIVEIRA Jr., Gerson Augusto de. *Torém: a brincadeira dos índios velhos – reelaboração cultural e afirmação étnica entre os Tremembé de Almofala*. Fortaleza: 1997. PPG-Sociologia / UFC (Dissertação de Mestrado).
- _____. *O Encanto das Águas: a relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- POMPEU SOBRINHO, Thomaz. *Índios Tremembés*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo LXV. Fortaleza: Instituto do Ceará. 1951.
- POSTIGO, Augusto de Arruda. *A Terra vista do alto: usos e percepções acerca do espaço entre os moradores do Rio Bagé, Acre*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, São Paulo, Universidade de Campinas. 2010.
- SANTOS-GRANERO, Fernando. *Arawakan sacred landscapes*. Emplaced myths, place rituals and the production of the locality in Western Amazonia. In: Ernest Halbmayer & Elke Mader (eds), *Kultur, Raum, Landchaft. Zur Bedeutung des Raumes in Zeiten der Globalität*, p. 93-122. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel Verlag, 2004.
- _____. *Writing History into the landscape: space, myth and ritual in contemporary Amazonia*. In: *American Ethnologist* 25 (2): 128-148.1998.

SOUSA, Marcela Stockler Coelho de. *Três nomes para um sítio só: a vida dos lugares entre os Kisêdjê (Suyá)*. IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia Painele Convidado VII: Classificar: objectos, sujeitos, acções

STUART FILHO, Carlos. "Os Aborígenes do Ceará". In: *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LXXVII. Fortaleza: Instituto do Ceará. 1963.

VALLE, Carlos Guilherme O. do. *Terra, tradição e etnicidade: os Tremembé do Ceará*. Rio de Janeiro, PPGAS / MN / UFRJ (Dissertação de Mestrado). 1993.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios da antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. *Pronomes cosmológicos e perspectivismo ameríndio*. In: *Mana*, n 02. V. 02, 1996.